

PROJETO CORUMBÁ, BALANÇO E PROSPECÇÃO

PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ¹

O objetivo desta comunicação é prestar contas do projeto Corumbá, executado em convênio celebrado entre o Instituto Anchietano de Pesquisas, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos e a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, com financiamento dessas instituições, do CNPq, da FAPERGS e colaboração da Dra. Betty J. Meggers para as datações de C₁₄. A coordenação era de Pedro Ignácio Schmitz (IAP/UNISINOS) e de Maria Angélica Bezerra de Oliveira e Sérgio W. Izquierdo (UFMS).

O projeto começou em 1990 e foi concluído em 1999. O trabalho de campo foi executado por uma equipe interdisciplinar em 8 expedições, cada uma com três a quatro semanas de duração; o trabalho de laboratório, compilação bibliográfica e redação ocupou os nove anos da equipe de pesquisadores estáveis e bolsistas de graduação e pós-graduação do Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, eventualmente também de bolsistas de outras instituições. O resultado mais aparente são seis dissertações de mestrado, um relatório geral publicado e numerosas comunicações e artigos, cujos trabalhos principais são listados no final desta comunicação.

O projeto também teve influência na execução de uma tese de doutorado sobre a evolução do Pantanal no Holoceno e o encaminhamento de dois doutorados visando a complementação e teste dos resultados conseguidos nos primeiros trabalhos.

O Pantanal, depois de publicados os resultados do primeiro projeto, deverá ser objeto de novas pesquisas, pela equipe do IAP/UNISINOS, buscando preencher as lacunas observadas, testar os modelos apresentados e formular novas hipóteses.

O PROJETO E SEUS RESULTADOS

O projeto é parte de uma primeira abordagem da arqueologia do Mato Grosso do Sul, sendo o segundo de quatro projetos planejados para o Estado. O primeiro tratou do planalto, o terceiro e o quarto, por enquanto, estão esperando execução.

Como se trata de uma área para a qual não tinha havido pesquisas anteriores, a melhor abordagem pareceu ser a regional e o melhor enfoque o de uma história contínua que abrangesse a população indígena desde os seus primeiros assentamentos até sua extinção ou incorporação na sociedade nacional.

Cobrindo aproximadamente 5.000 km², nos municípios de Corumbá e Ladário, em espaço típico do rio Paraguai, com grandes lagoas, campos alagadiços e um planalto residual, ele deveria oferecer resultados gerais, que fosse possível extrapolar e que pudessem ser testados em outros espaços do Pantanal.

Os procedimentos ligados aos sítios pré-históricos incluíam o estudo da localização, distribuição, avaliação e datação dos sítios, as formas de assentamento e suas estruturas, as relações com o ambiente e a construção de um modelo do assentamento.

Os procedimentos ligados aos sítios do período colonial e imperial buscavam respostas semelhantes, que mostrassem a trajetória dos grupos e servissem de sugestões para a pesquisa arqueológica.

Aproximadamente a metade da área foi percorrida, usando as estradas e o traçado do gasoduto Bolívia-Brasil como *transects* significativos e algumas fazendas e assentamentos de colonos como amostragens totais.

Com isso foram localizados mais de 200 sítios, representando os assentamentos correspondentes aos ambientes da área: a floresta do planalto residual, com o horticultor de tradição cerâmica Tupiguarani; as margens do rio Paraguai e das lagoas permanentes, os campos alagados durante as enchentes, com os aterros pré-cerâmicos e cerâmicos; a transição entre os dois primeiros ambientes, com os petroglifos, outros sítios cerâmicos e as missões. Dificilmente algum tipo de sítio terá passado despercebido.

As coletas superficiais, os cortes estratigráficos, as pequenas escavações e a documentação total dos petroglifos foram os instrumentos principais na definição das culturas e de sua relação com os ambientes dos períodos de ocupação humana. Os primeiros exploradores do Pantanal, acampados na alta barranca do rio, datados de 8.200 a 8.000 anos A.P. (fase pré-cerâmica Corumbá I); os habitantes pré-cerâmicos dos aterros do Pantanal, de 4.400 a uns 2.000

anos A.P. (fase Corumbá II); os ceramistas dos aterros, de 2.100 até provavelmente o período colonial, talvez até o imperial (fase Pantanal, tradição Pantanal); os aldeões da floresta, com cerâmica de tradição Tupiguarani, desde antes da Conquista até a ocupação espanhola da área; a fase Jacadigo, da tradição Pantanal, provavelmente representante dos nômades criadores de cavalos; a missão Nossa Senhora do Bom Conselho, dos padres capuchinhos, com populações Guaianá, no século XIX.

O padrão de ocupação do Tupiguarani, tradição Corrugada, é bem conhecido do Sul do Brasil e não apresentou discrepâncias visíveis.

O modelo no qual mais conseguimos avançar foi o da ocupação do Pantanal pelos construtores dos aterros. Nele se podem separar assentamentos centrais, provavelmente de caráter anual e permanente e acampamentos de apoio, de caráter estacional. Os poucos sítios centrais, localizados junto aos maiores cursos e corpos de água, são mais densos, mais ricos, contêm grande quantidade de cerâmica e numerosos sepultamentos primários e secundários. Os muitos acampamentos de apoio, localizados junto a cursos e corpos de água intermitentes, são pouco densos, pobres, contêm pouca cerâmica e nenhum sepultamento. Naturalmente, devido às disponibilidades do ambiente em que estão instalados, ou acampados, o abastecimento é diferente: muitos peixes nos sítios centrais; moluscos, peixes, caça e crustáceos nos sítios de apoio.

Poderíamos ser tentados a interpretar os dois tipos de sítios em termos de hierarquia social, mas não existe base para tanto. A mesma tentação nos poderia assaltar também com relação à diferença entre os sepultamentos, primários e secundários, dos sítios centrais. Mas a leitura dos elementos presentes nos leva a pensar os pacotes de sepultamentos secundários como resultado do transporte de indivíduos falecidos em acampamentos de apoio para os jazigos nos sítios centrais.

O estudo dos grupos coloniais e imperiais proporcionou modelos para formas de assentamento, tecnologia, abastecimento e ritual. A transposição desses modelos para os sítios arqueológicos, não oferece segurança, exatamente porque não temos o elo de ligação entre um e outro conteúdo.

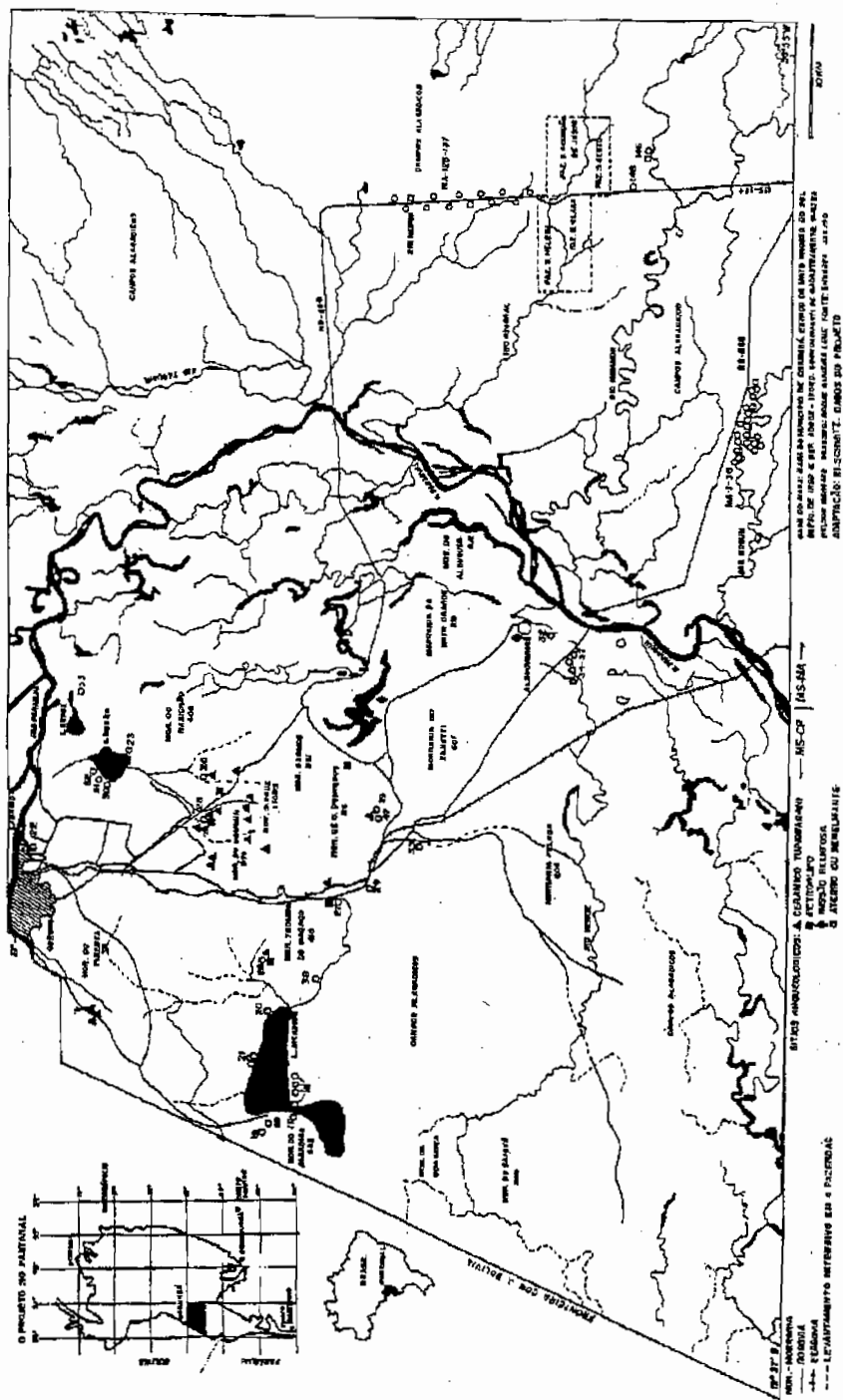
Um projeto regional, mesmo com os abundantes resultados do Pantanal, apresenta lacunas, pede complementações e levanta novos problemas. Esses itens estão todos na mesma linha operacional e serão anotados e comentados a seguir.

LACUNAS E PROPOSTAS

1. O único sítio da fase Corumbá I, assentamento estável na alta barranca do rio Paraguai, baseado sobre a exploração dos recursos típicos do Pantanal e com uma indústria lítica inconfundível, não pode existir sozinho, sem ascendentes, nem descendentes. Outros sítios da mesma natureza devem existir ao longo do rio, mas ainda não descobertos no espaço já estudado, ou em outros, rio acima, com ambientes bem parecidos. Seu encontro, provavelmente fortuito, é muito importante para conhecer as primeiras adaptações ao ambiente e para fechar o vazio existente entre as datas do sítio da barranca (8.200 anos A.P.) e as datas dos aterros pré-cerâmicos no espaço alagado (a começar de 4.400 anos A.P.). Mesmo estando isolado, o sítio da barranca já é importante para a pré-história brasileira porque mostra, junto com assentamentos da Amazônia, que a exploração dos recursos aquáticos é bem mais antiga que a expressa nos clássicos sambaquis do litoral atlântico. E também, porque mostra que ambientes difíceis, como o do Pantanal, entram em exploração bem cedo, quando, em terra firme, têm um ponto de apoio a partir do qual podem agir.

2. Os sítios da fase Corumbá II, de populações pré-cerâmicas estabelecidas junto às lagoas e nos alagados, também ancorados no planalto residual, vão aumentando com as prospecções. A sucessão das datas correspondentes às sucessivas camadas de um mesmo sítio faz supor que sejam estáveis ou, ao menos, freqüentemente ocupados. Como em dois sítios existem várias datas essa observação é pertinente. Eles formam, sempre, as camadas inferiores de aterros, cujas camadas superiores possuem cerâmica. Como as ocupações pré-cerâmicas só aparecem em cortes estratigráficos, ainda não muito numerosos, sua definição em termos de distribuição, estruturas, tecnologia e ritual ainda está pequena. Para melhorar o conhecimento de sua distribuição serão necessários cortes em áreas onde a presença não está bem definida, nos densos aglomerados de sítios junto ao córrego Mutum e aos rios Abobral e Negro. Mas para melhorar o conhecimento das estruturas, da tecnologia e do ritual serão necessárias escavações naqueles sítios em que estejam tipicamente representados. Dos sítios atualmente conhecidos podemos sugerir trabalhos maiores em assentamentos centrais, como o MS-CP-16, o MS-CP-24, ou algum outro do córrego das Pedras ou do rio Verde.

3. A fase Pantanal, com grande número de sítios ao longo de rios, de lagoas, alagados permanentes e campos alagadiços, possibilitou, até agora, a construção mais sólida com relação a distribuição, tecnologia, abastecimento, ritual e assentamento. Os sítios são abundantes e fáceis de localizar porque geralmente têm alguma cerâmica na superfície. Além de vários cortes



estratigráficos, neles foram feitas escavações um pouco maiores. Avaliando os resultados existentes percebem-se deficiências nos seguintes itens: distribuição, tecnologia, abastecimento, estruturas e cronologia dos sítios de apoio, estruturas e cronologia nos sítios centrais.

Apesar de haver um sítio central com diversas datas, na lagoa Jacadigo (MS-CP-20), elas se referem à parte inicial da seqüência. A outra data para o período cerâmico, no sítio MS-MA-16a, também corresponde ao período antigo. Com isso falta reconhecer a parte média e recente, inclusive a ligação com as populações coloniais.

Estruturas foram estudadas, em escavações relativamente pequenas (8 e 32 m), em dois sítios centrais (MS-CP-16 e MS-CP-32), que proporcionaram informações sobre os sepultamentos, mas ainda não para outras estruturas. Apesar de já se conhecerem alguns sítios estratégicos para conseguir, de uma vez só, vários dos quesitos acima, a continuação de prospecções prévias talvez seja a estratégia mais adequada.

Agora também se tornou importante ver se o espaço delimitado no projeto é, de fato, uma área privilegiada, ou se os mesmos fenômenos se repetem, com a mesma intensidade, p. ex., nos 5.000 km² imediatamente ao norte. Para esta região a equipe já possui as fotos aéreas, com as quais se pode fazer o exame sem deslocamento intensivo para o campo. Além disso já existe, numa área muito parecida com a do projeto Corumbá, um projeto de doutorado que certamente ampliará as questões indicadas.

4. Para outros períodos já não é fácil produzir avanços significativos. É o caso do horticultor da tradição cerâmica Tupiguarani: os sítios já estavam muito deteriorados quando os estudamos e, com a continuação do cultivo, alguns deles podem ter, simplesmente, desaparecido. O estudo documental dessa população, no período colonial, é um acréscimo desejável.

O mesmo acontece com a missão Nossa Senhora do Bom Conselho, com bastante material por ocasião da primeira visita. Por ocasião de uma inspecção posterior, o material havia praticamente desaparecido com exceção do cruzeiro no mato.

Também não se vê como fazer um crescimento significativo no estudo das populações indígenas coloniais e imperiais.

CONCLUSÃO

Um projeto regional, com seus objetivos e sua metodologia, possibilita a construção de um modelo, que pode ser testado através da extensão ou inten-

sificação da amostra, ou extrapolando-o para outros setores da região. O projeto Corumbá acaba de criar esse modelo e os projetos posteriores, da mesma equipe e de pesquisadores independentes, já começou o teste e a extensão. Uma imensa área do território brasileiro, até recentemente sem nenhuma pesquisa arqueológica, passa, com isso, a se constituir em foco de intensos e continuados estudos interdisciplinares.

¹ Instituto Anchieta de Pesquisas/Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista do CNPq.

Ao projeto estiveram ligados muitos pesquisadores, tanto em campo como em laboratório. Corresponsáveis pelos resultados são Jairo Henrique Rogge, André Osório Rosa, Marcus Vinicius Beber (do IAP/UNISINOS), Maria Angélica Bezerra de Oliveira e José Luis S. Peixoto (da UFMS).

PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES SOBRE A REGIÃO DO PROJETO

GIRELLI, Maribel. **Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS.** São Leopoldo: UNISINOS, 1994. (Dissertação de Mestrado).

_____. Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS. **Estudos Leopoldenses**, vol. 32, 147:91-106. São Leopoldo, 1995.

HACKBART, Patrícia da Silva. **Análise do petroglifo MS-CP-41 - Corumbá, MS.** São Leopoldo: UNISINOS, 1998. (Trabalho de conclusão do curso de História).

HERBERTS, Ana Lúcia. **Os Mbayá-Guaicuru: área, assentamento, subsistência e cultura material.** São Leopoldo: UNISINOS, 1998. (Dissertação de Mestrado).

_____. Os Mbayá-Guaicuru: história, área e assentamento. **Estudos Leopoldenses**, série História, vol. 3, nº 1:3-141. São Leopoldo, 1999.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. **Os argonautas Guató, aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense.** Porto Alegre: PUCRS, 1955. (Dissertação de Mestrado).

_____. **Os aterros do Rio Grande do Sul. Em busca de um modelo de assentamento e subsistência através de sua comparação com os aterros da lagoa de Jacadigo, Pantanal Matogrossense.** Relatório final de bolsa de recém-mestre. FAPERGS, 1995.

OLIVEIRA, Jorge E. de & PEIXOTO, José Luis S. **Diagnóstico de avaliação do impacto do gasoduto Bolívia-Brasil ao patrimônio arqueológico do Estado do MS - Trecho**

- Corumbá-Terenos (Km 0-350).** Porto Alegre, FAPERGS, 1993.
- PEIXOTO, José Luis S. **A ocupação Tupiguarani na borda oeste do Pantanal Sul-matogrossense: maciço do Urucum.** Porto Alegre: PUCRS, 1995. (Dissertação de Mestrado)
- _____. Populações indígenas de tradição Tupiguarani no Pantanal Sul-Mato-Grossense. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, nº 8:71-86. São Paulo, 1998.
- PEIXOTO, José L. & SCHMITZ, Pedro Ignácio. A missão Nossa Senhora do Bom Conselho. **Pesquisas**, História nº 30: 133-156. São Leopoldo, 1998.
- ROGGE, Jairo Henrique & SCHMITZ, Pedro Ignácio. Projeto Corumbá: a ocupação pelos grupos ceramistas pré-coloniais. **Revista de Arqueologia**, vol. 8, nº 2:169-180. Porto Alegre, 1994/1995.
- ROSA, André Osorio. Programa arqueológico do Mato Grosso do Sul - projeto Corumbá: análise preliminar dos restos faunísticos. **Biblos**, 9:117-126. Rio Grande, 19997.
- SBEGHEN, Ana Carolina. **Análise dos remanescentes faunísticos de um sítio do Pantanal Sul-Matogrossense.** São Leopoldo, UNISINOS, 1998. (Trabalho de conclusão de curso de Ciências, Habilitação Biologia).
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Tesouros arqueológicos no Pantanal. **Ciência Hoje**, vol. 22, nº 129, capa e 36-45. Rio de Janeiro, SBPC, 1997.
- _____. Arqueologia do Mato Grosso do Sul. Dois projetos, dois resultados. **Fronteiras**, vol.2, nº 4, p. 203-222. Dourados, UFMS, 1999.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio, ROGGE, Jairo Henrique, BEBER, Marcus Vinicius & ROSA, André Osorio. O projeto Corumbá, oito anos de pesquisa no Pantanal do Mato Grosso do Sul. **Anais da IX Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira.** Rio de Janeiro, no prelo.
- _____. Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul. **Pesquisas**, Antropologia,, nº 54. São Leopoldo, 1998
- SCHUCH, Maria Eunice Jardim. **Xaray e Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto-Paraguai.** São Leopoldo, UNISINOS, 1995. (Dissertação de Mestrado).
- _____. O índio enquanto etnia: etno-história dos Xaray e Chané. **Estudos Leopoldenses**, vol. 31, nº143:109-125. São Leopoldo, 1995.
- _____. Missões capuchinhas entre os Guaná sul-matogrossenses. **Pesquisas**, História, nº 30:89-131. São Leopoldo, 1998.